

OS JOVENS LEITORES E A BIBLIOTECA: APONTAMENTOS

Simone Cristina Mendonça¹ (UNIFESSPA)

RESUMO: Entendendo a importância das bibliotecas públicas como espaços sociais de leitura, propomos uma reflexão acerca dos jovens leitores e da relação destes com esse espaço de consulta, de empréstimo de livros e de outros materiais, de socialização das ideias e de realização de eventos culturais. Para tanto, revisaremos alguns teóricos que dissertaram acerca da história dos livros e da leitura, bem como das transformações pelas quais vêm passando, no quesito dos suportes para leitura; no das formas de armazenamento dos textos, já nem sempre impressos; e no uso das novas tecnologias pelos leitores contemporâneos. Entre variadas opções de leitura, a imagem tradicional das bibliotecas, inevitavelmente, tem passado por transformações, inclusive no que se refere à criação de acervos digitais e na inserção dos mesmos na internet. Contudo, os usuários as continuam frequentando. A título de exemplo, trataremos da Biblioteca Municipal de Marabá, a partir de projeto fomentado pelo edital PIBEX/2013/UFPA. Outros casos de Bibliotecas municipais também serão comentados, na medida em que dialogam com a temática da comunicação proposta.

Palavras-chave: Leitura. Formação do leitor. Biblioteca.

A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (...) Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CANDIDO, 1995. PP 249; 263)

¹ Simone Cristina MENDONÇA. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). simonecm@ufpa.br

Iniciamos nossos apontamentos, retomando “O direito à literatura”, de Antonio Candido (1995), já clássico nas discussões acerca do acesso à leitura de textos literários, mas ainda bastante atual no que concerne às reflexões sobre leitura e literatura. O crítico literário nos mostra neste texto a importância da literatura na vida do ser humano, destacando quão essencial é a literatura no processo de “humanização”,

que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (p. 149).

Destarte, a literatura deveria ser considerada um direito de todo homem, tal qual são outros direitos humanos, por proporcionar deleite, instrução, momentos de fantasia e evasão, ou mesmo como oportunidade para reflexão sobre si e sobre os outros.

Compreendendo, como Candido, o acesso à leitura e, sobretudo à leitura literária como um direito do cidadão, voltamos nossos estudos para as Bibliotecas públicas, espaços propícios de leitura silenciosa ou de empréstimos de livros, que são também espaços de livre circulação do público, locais de encontro para estudo e pesquisa de muitos jovens e adultos, geralmente com acervo livre para consultas. Contudo, temos consciência de que esses espaços sociais de leitura estão em transformação.

Alberto Mangel (1997), perfazendo um histórico do livro e da leitura, nos remete às bibliotecas antigas, dos séculos XVII e XVIII, que alocavam livros grandes, de difícil manuseio, feitos para serem lidos majoritariamente nesses espaços ou em mesas apropriadas, devido ao formato pouco transportável, mas que “à medida em que as bibliotecas iam crescendo, os leitores começaram a perceber que os volumes grandes, além de serem difíceis de se manusear eram desconfortáveis para se levar de um lado para outro”. (MANGEL, 1997, p.162).

Grandes transformações se deram na configuração das bibliotecas e no formato dos livros ao longo da história. Na passagem do século XVIII para o XIX, por exemplo, os livros já podiam ser levados para fora do espaço interno e logo começaram a ser utilizados pelos viajantes que utilizavam os trens, por exemplo, e que liam como forma de distração durante o trajeto.

A prática da leitura durante as viagens, cabe fazer um parênteses, mantêm-se na atualidade, como sabemos. A título de exemplo, basta lembrarmos das livrarias e revistarias nos aeroportos ou das modernas máquinas para se comprar livros a preços módicos, disponíveis nas estações de metrô das grandes cidades.

Na mesma linha de estudos sobre o livro, seus formatos e espaços de leitura, Steven Roger Fischer (2006), em *História da leitura*, ao avaliar o contexto da contemporaneidade, aponta um fato muito pouco desejado pelos estudiosos da história do livro e da leitura: o enfraquecimento do conceito de bibliotecas e livrarias físicas, comentando a sobrecarga de informações à qual os leitores estão expostos, entre tantos títulos de livros e periódicos, diferentes formas de leitura, com suportes variados, tantos textos disponíveis *on line*...

O que se nota, segundo o autor, é que para não ter sua movimentação e lucros enfraquecidos, algumas livrarias, lugares de comércio do objeto impresso como mercadoria, acabam por buscar estratégias para cada vez mais atrair o leitor. Uma dessas estratégias é a disposição dos livros de forma “provocante”: gôndolas separadas por temas, ilhas de livros bem arranjados, além das propagandas, e dos *sites* para venda pela internet.

Ainda que se mantendo em um posicionamento de defesa da leitura, Fischer (2006) parece estar mesmo impressionado com os avanços tecnológicos e com o surgimento de novas práticas de leitura. A *internet* se mostra como alternativa grandiosa na divulgação gratuita da leitura, além de ser uma possibilidade de se armazenar grande número de páginas e livros em mídias digitais, como já vem acontecendo com obras de referência (enciclopédias e dicionários).

Há, também, os processos de captação de imagens de manuscritos e obras raras (convertidas pelo *scanner* em sinais para o computador) comuns em muitas Bibliotecas que possuem materiais antigos em seu acervo e que os disponibilizam, até mesmo na *web*, para consulta no suporte digital. Somando-se às publicações do texto integral de obras de domínio público na rede, e aos *e-books*, retornaríamos ao tão temido momento de discutir o enfraquecimento da Biblioteca em sua estrutura física.

Há que se lembrar das considerações de Roger Chartier (2001) sobre as atitudes performáticas do leitor diante dos diferentes suportes que se lhe apresentam:

para além das facilidades de transporte, o acesso e o manuseio dos dispositivos cada vez menores e mais leves, oferecem conforto para consulta, pesquisa, estudo ou lazer em variados e inusitados espaços.

Apesar das limitações dos aparelhos eletrônicos, que servem de suporte para a leitura digital (tais como as possíveis falhas de conexão, término da bateria que lhes fornece energia ou problemas técnicos), é fato que as versões digitalizadas dos textos, além das vantagens para a pesquisa e o entretenimento, poderiam ser de grande valia também nas atividades de ensino. As versões integrais digitais poderiam substituir, por exemplo, os fragmentos de textos fotocopiados nas conhecidas Xerox, cuja materialidade é perecível, com pouco tratamento do papel, facilmente avariado pela umidade.

Senões relativos ao uso das fotocópias/Xerox também foram levantados por Jaime Guinzburg (2012), ao analisar os problemas contemporâneos do ensino de literatura:

Uma evidência concreta do problema [leitura fragmentada dos livros], encontrada em muitas faculdades, é a presença das assim chamadas pastas de xerox. Os motivos alegados para sua existência são vários. O preço supostamente caro dos livros; o acervo supostamente insuficiente das bibliotecas; o tempo supostamente curto dos estudantes para construir seu material de estudo. Há uma óbvia situação de conflito entre a legislação de direito autoral e a existência das pastas de xerox. (GUINZBURG, 2012. P. 214)

Patrícia Romano (2012), ao elaborar uma proposta de trabalho com texto literário no ensino médio, também comentou a problemática da ausência dos textos integrais nas aulas, acrescentando o caso dos resumos:

A tradição do ensino da literatura no Brasil tem mostrado que o texto literário, quando chega completo à sala de aula, é motivado pelas famosas listas de vestibulares, isso quando o aluno não recorre aos famosos ‘resumos’, cada vez mais abundantes, seja na forma impressa, seja disponível na internet. (p. 138)

Márcia Cabral Silva, em seu livro *Leitura, pesquisa e ensino*, também menciona novas práticas de leitura associadas ao texto digital, alertando que “a imagem clássica da biblioteca como espaço de silêncio, depositária de tesouro intocável, sofreu profundas modificações nas sociedades contemporâneas” (SILVA, 2013, p. 33).

Especificamente na cidade de Marabá/PA, no desenvolvimento do projeto de extensão “Leitura e Comunidade”², realizado na Biblioteca Municipal “Orlando Lima Lobo”, foi possível vislumbrar um perfil de leitores tanto de textos impressos como digitais. Em sua maioria jovens (alunos de um curso pré-vestibular que fica nas proximidades), são autônomos na busca por livros do acervo, ou mesmo levam para o espaço seus livros e outros materiais impressos pessoais. Eles ainda costumam levar computadores para aproveitarem o sinal de *WI-FI* (Gratuito). Também há as crianças, que solicitam a ajuda das atendentes para encontrar os livros no acervo, e, da mesma forma, fazem suas pesquisas na internet para trabalhos escolares.

Verificou-se, ainda, a existência de um espaço propício para leitores e leitoras: limpo, arejado, organizado e bem amplo, como realmente deve ser um espaço de leitura, com cadeiras e mesas apropriadas para adultos e crianças realizarem suas leituras. Leituras essas variadas: de ficção ou não, de fruição ou deleite, de estudo ou de preparação para provas e concursos.

No caso dos leitores usuários da Biblioteca de Marabá/PA, verificamos certa dificuldade em operacionalizar nosso projeto, que visava à leitura de textos literários. Ocorre que, na maioria das vezes em que tentamos oferecer oficinas de leitura de contos da literatura brasileira, encontramos resistência dos leitores concentrados em seus estudos e pesquisas. A título de exemplo, preparamos uma atividade de leitura, em uma sala separada da biblioteca, em voz alta, com acompanhamento dos usuários que teriam o conto em mãos, por meio de fotocópias. Após a leitura, os participantes poderiam opinar sobre o conto, a partir de algumas perguntas feitas. Foi escolhido o conto “A moça tecelã”, de Marina Colassanti, pela representatividade da autora na literatura contemporânea e também pela facilidade de iniciarmos uma conversa sobre o conto, uma vez que, explorando o caráter fantástico do conto, poderíamos perguntar: “o que

² O projeto de extensão “Leitura e Comunidade” (PIBEX/UFPA/2013), por mim coordenado, intentou realizar um trabalho conjunto com a Biblioteca Municipal de Marabá, utilizando-se de seu acervo e de seu espaço para promover ações de incentivo à leitura. Do ponto de vista social, educacional e cultural, visou oferecer à comunidade, representada pelos usuários da Biblioteca, momentos de leitura de textos literários. No âmbito acadêmico, estudou os espaços de leitura, buscando averiguar as diferentes práticas sociais dessa atividade. A participação da discente Ana Célia de Brito Santos, a quem agradeço, foi essencial para o bom desenvolvimento do projeto.

“você faria se também tivesse um tear mágico”? Infelizmente, tivemos várias tentativas frustradas...

Os usuários da Biblioteca não se interessaram pela atividade, talvez porque estivessem tão concentrados em suas leituras obrigatórias (trabalhos escolares, estudo de livros e apostilas preparatórias para Concursos Públicos, estudo de materiais didáticos, preparação para o vestibular), que não se permitiram reservar alguns minutos para uma leitura literária descompromissada. Persistimos, até que em outra tentativa, conseguimos a participação de um grupo de jovens alunos, do 5º e 6º anos, que interrompeu a pesquisa escolar para ler conosco o conto. Foi uma experiência reconfortante para nós que já estávamos quase desistindo: participaram da leitura, opinaram sobre o tear mágico, comentaram e, por fim, voltaram para a pesquisa.



Jovens leitores na Biblioteca Municipal de Marabá/PA

Também em São João Del Rey/MG, Roginei Paiva da Silva, em sua dissertação de mestrado “Biblioteca, leitores e cultura: a prática social da leitura”, verificou que a biblioteca é um lugar para os usuários se prepararem para provas, concursos públicos ou exames de seleção para o ingresso em escolas militares (SILVA, 2014, p. 36), uma vez que havia muitos empréstimos de apostilas para concursos, disponíveis no acervo. A prática de estudos para concursos no espaço da Biblioteca também foi verificada na

cidade de Marabá/PA, local em que se agrupam muitos órgãos públicos da região, com destaque para os pertencentes à Justiça Federal.

No entanto, o autor examinou que, entre outros papéis, a Biblioteca é “um lugar de circulação social” (SILVA, 2014, p. 21), um lugar de encontros, para leitura ou não, em que os usuários não somente entram para emprestar livros, mas também para ler os periódicos, participar de eventos promovidos pela Biblioteca, ou simplesmente, consultar as novidades adquiridas no acervo.

Silva (2014) constatou, ainda, um dado inusitado: muitos usuários realizavam empréstimos de livros da leitura considerados como *Best Sellers*, curiosamente disponíveis na instituição investigada, comprados a pedido, adquiridos pela biblioteca com recursos próprios, provindos das multas por atraso na devolução.

Dessa forma, o autor, para além de estudar o espaço social de leitura e o perfil do leitor, pode constatar que a Biblioteca, além de ser um local para se ter acesso ao livro, acaba se tornando também uma oportunidade de acesso a algum grupo social, como por exemplo, o dos jovens leitores que estão lendo certo título de sucesso e querem discutir sobre os mesmos.

Assim, o acesso ao livro também pode proporcionar um acesso social ao grupo de leitores, um acesso essencial na faixa etária em que de fato se procura estar inserido em grupo. E que bom, então, que seja um grupo de leitores e que, em vez de se fechar nos clássicos, as bibliotecas estejam se tornando menos sisudas e proporcionando acesso à leitura de *Best Sellers*, também. Certamente haverá quem não goste, mas essa discussão fica para outra oportunidade.

Por fim, segundo Silva (2014), a Biblioteca é um lugar para eventos, como lançamentos de livros, por exemplo, eventos que estejam relacionados com a leitura, não somente a dos livros impressos, mas também comprometidos com a difusão da cultura, aqui entendida de maneira mais ampla, incluindo-se as culturas representadas pelas narrativas orais (p. 37).

Para concluir, faço um lamento: é mesmo uma pena que o regimento de algumas bibliotecas, como a observada em Marabá/PA, proíbam o estudo em grupo, alegando-se que a proibição se justifica pelo barulho resultante das conversas dos usuários.

Proporcionar um espaço de discussões sobre leituras também é papel das bibliotecas, em vez de se proibir o “barulho” oriundo dessas discussões.

Referências:

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. pp. 235-263.

CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

DARNTON, Robert. “O que é a história dos livros”. In: *O beijo de Lamourette: Mídia, Cultura e Revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. pp. 109-131.

FISCHER, Steven Roger. “Lendo o futuro”. In: *História da leitura*. Trad. Claudia Freire. São Paulo: Ed. UNESP, 2006. PP. 279-315

GUINZBURG, Jaime. “O ensino de literatura como fantasmagoria”. *Revista da ANPOLL*. Vol 1, N. 33 (2012). Disponível em:

<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/viewFile/637/648> Consulta em: 15/01/2013.

MANGEL, Alberto. “A forma do livro”. In: *Uma História da Leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVA, Márcia Cabral. *Leitura, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013.

SILVA, Roginei Paiva da. *Biblioteca, leitores e cultura: a prática social da leitura*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa/MG, 2014.